

BREVE TESTEMUNHO

por Mário Soares

O dia 20 é um dia histórico porque toma posse em Washington o 44º Presidente dos Estados Unidos, Barack Hussein Obama.

As expectativas criadas à sua volta são tremendas. Espera-se dele - e da jovem equipe com a qual vai trabalhar - nada mais nada menos do que uma mudança de era, ou, se quiserem, de paradigma. Que significa isso? O fim do capitalismo de casino, financeiro-especulativo, e um novo modelo económico e social, em que se regresse a certos valores éticos, à defesa do serviço público e do Estado de Direito, no mais estrito respeito pelos Direitos Humanos,

Passa-se isso, quando a América do Norte se encontra no epicentro da crise mais grave que o capitalismo jamais conheceu. Uma crise não só económica e financeira - com a América mergulhada na maior recessão conhecida - mas também crise energética, alimentar, ambiental e, sobretudo dos grandes valores, que consubstanciam o essencial do "sonho americano".

É evidente que ninguém espera que Barack Obama possa fazer milagres. Há que ter paciência e que ter prudência nas medidas a tomar, consideradas prioritárias. É uma hierarquia difícil de estabelecer, apertados como ficarão Obama e a sua Equipe: entre pôr termo à guerra no Iraque, dar algum rumo novo à situação crítica no Médio-Oriente, com destaque para a necessidade de pôr termo ao conflito israelo-palestiniano, e o regresso em força às Nações Unidas, uma política mais confiante e arejada nas relações euro-atlânticas, dada a crise de incerteza e de apatia vigente na União Europeia, aos problemas internos, do desemprego a subir, da falta de confiança dos agentes económicos, do deficit externo (astronómico) e da necessidade de "pôr mais dinheiro nos bolsos dos americanos", como disse Obama, é difícil, muito difícil, estabelecer prioridades, sabendo também que não é possível acudir a todo o lado ao mesmo tempo.

Enfim...

X

Li os primeiros discursos de Barack Obama, com imensa atenção, após o anúncio da sua Candidatura à Presidência dos Estados Unidos. Segui, depois, a sua campanha e fui ler os primeiros livros dele. Desde então simpatizei com a sua determinação, as suas ideias e a sua personalidade de excepção. Um afro-americano, para mais humanista, na Casa Branca pareceu-me, desde logo, um desafio aos preconceitos que pareciam entranhados na sociedade americana e, ao mesmo tempo, à política externa agressiva e unilateral seguida por Bush, após o 11 de Setembro de 2001. O que significava uma ruptura e uma auspiciosa mudança de paradigma. Gostei da sua intenção, declarada, que se fosse eleito, ordenaria a retirada, a prazo, das tropas americanas do Iraque. Foi

um acto de grande coragem. Daí ter escrito, em vários jornais da imprensa europeia, durante todo o ano de 2008, artigos em louvor da vitória de Barack Obama. Não estou arrependido. Acho que a vitória de Obama representa, só por si, uma revolução democrática e pacífica nos Estados Unidos e, principalmente, uma mudança nas mentalidades dos americanos.

X

Vamos agora, finalmente, assistir à posse de Barack Obama, em 20 de Janeiro próximo. A América e o Mundo esperam ouvir, com invulgar curiosidade, o discurso inaugural, que ninguém duvida será uma peça oratória de imensa qualidade humana e política. E não desiludirá, creio, as expectativas mais exigentes.

Porém, pesam, a partir de hoje, sobre os ombros do Presidente dos Estados Unidos exigências e problemas de toda a ordem - internos, externos, globais - que, como já disse, é impossível resolver de um momento para outro. Em política não há milagres. Mas há convicções e valores. E esses, espero, serão respeitados. Tenho imensa confiança nas qualidades humanas de Obama.

Por outro lado, Obama tem a consciência de que a sua maior força reside no dinamismo que soube despertar na juventude, nas classes mais desfavorecidas da população americana e nas minorias étnicas. Não as vai desiludir. Estou seguro disso. Conta também com a imensa simpatia da opinião pública mundial. Assim, tenhamos confiança e Viva Obama! O Mundo precisa dele, tanto ou mais do que o Povo Americano. Estamos, colectivamente, a viver um momento de viragem histórica, sem paralelo há muitos anos.

Janeiro 2009